

## AS CORES DE MANUELA BACELAR E AS CORES DOS LIVROS (\*)

DANUTA WOJCIECHOWSKA

Aceitei o desafio de falar sobre a obra da Manuela Bacelar, embora considere que é uma tarefa muito difícil. É difícil, por um lado, por se tratar do trabalho de uma outra ilustradora; por outro, e por esse mesmo motivo, é também um desafio estimulante e interessante.

No âmbito deste encontro cujo nome evoca cores, «No Branco do Sul as Cores dos Livros», achei por bem orientar esta minha reflexão em torno da Cor. Porque a cor me permite estabelecer uma ponte com o trabalho da Manuela Bacelar porque é um tema central do meu trabalho.

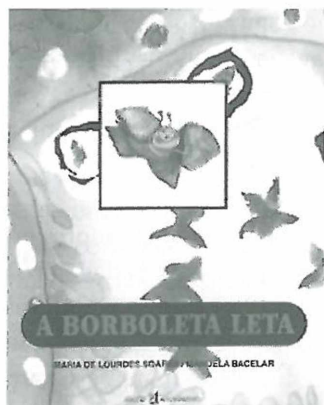
Assim, este será ponto de partida nesta nossa reflexão.

Quando me refiro às cores, faço-o num sentido muito amplo. Não apenas de um ponto de vista físico, não apenas uma reacção física a um estímulo visual, mas também como um veículo de emoções e de sentimentos.

As cores são como um reflexo da vida, que também pode servir de ferramenta para a criatividade, tanto ao nível mais físico, da materialidade, como ao nível da nossa imaginação.

---

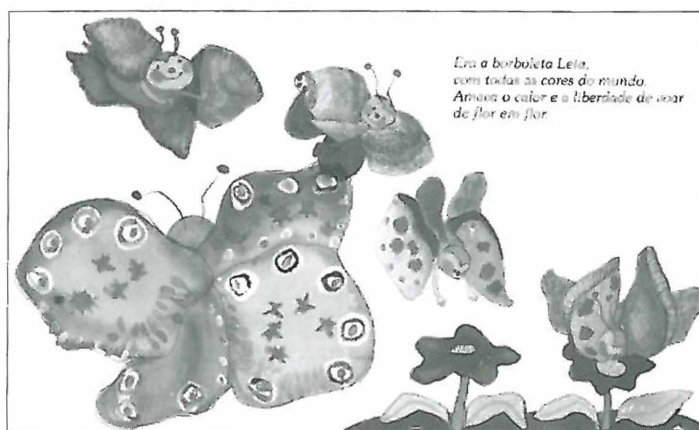
(\*) No encontro, as imagens referenciadas foram projectadas a cores. (N. do E.)



É pela riqueza das expressões, e pelas experiências que faz na ilustração, que ela nos estimula. Contaminada pelo bichinho da curiosidade e da criatividade, ela veio criar os seus livros cá em Portugal depois de umas voltas na Europa, na sua juventude (estudou Artes em Praga e passou por Paris), que a inspiraram e estimularam a sua fertilidade criativa.

A Manuela fala as diferentes linguagens da ilustração: põe e dispõe delas com grande à-vontade. Desenha, pinta, usa cores e texturas com grande criatividade. Inventa, cria em torno dos mais diversos contextos.

Num único livro (p. ex. em *Borboleta Leta*) ela utiliza simultaneamente e em páginas diferentes técnicas e linguagens visuais diversas:

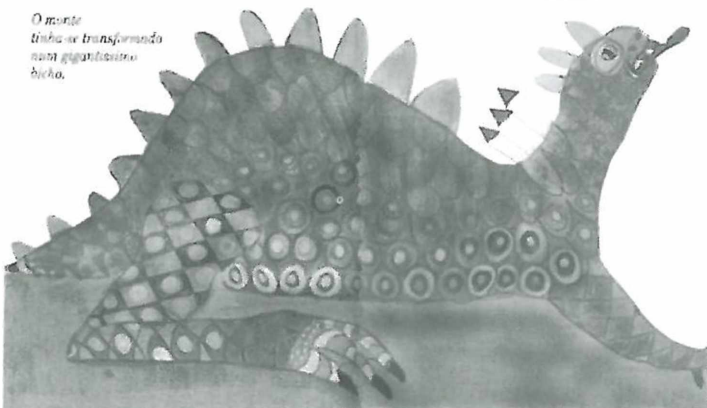




Assim, ela estimula e deixa espaço para a interpretação.  
Para a criatividade das crianças nascem espaços.

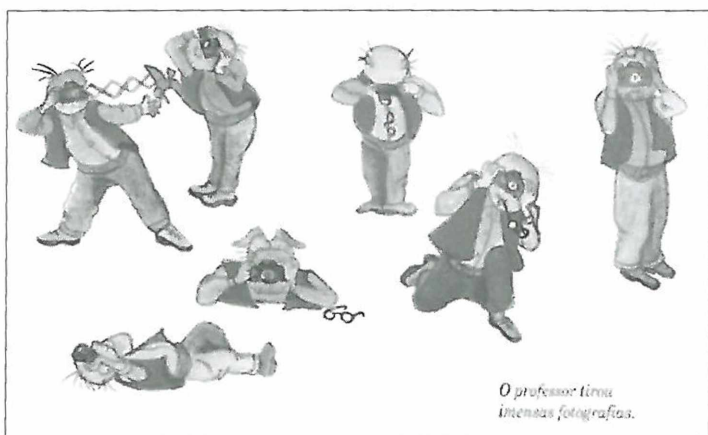
Ela dá pistas, propõe, através desta versatilidade, desperta curiosidade.

*O monte  
tinha se transformado  
num gigantesco  
bicho.*





*e num instante era noite, e num instante era dia.*



*O professor tirou  
imensas fotografias.*

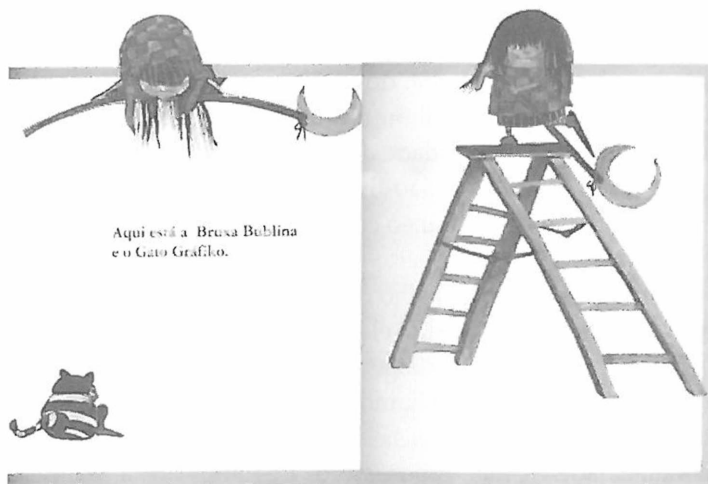
Um dos pontos importantes da sua formação em Praga — na sua própria opinião — foi a «curiosidade» que os professores lhe inspiraram. A verdade é que a curiosidade é essencial para apreender.

Ela utiliza uma grande diversidade de técnicas, texturas, ela utiliza tantas cores... Ela entra e sai do mundo real e do mundo da fantasia. Assim, a sua criatividade corresponde à criatividade e à frescura da criança. Ela cria pontes, elos, que a ligam com facilidade ao seu público. E temos, deste modo,

uma ferramenta útil de trabalho. Ela brinca com leveza e agilidade, traz humor para dentro do livro.

É tudo tão leve que nada é registrado, não se pode apanhar o amarelo porque ele foge, «nada ficou registrado no rolo do fotógrafo».

A Manuela faz-nos pensar sobre o formato de um livro em *Bublina*, pois nele utiliza o desafio do formato para experimentar mais uma vez a sua criatividade. Ela ultrapassa os limites formais através do desenho. O desenho, neste caso, desempenha um papel fundamental.





Quero, com este exemplo, chamar a atenção para o modo como ela encara este desafio, chamando o desenho para a linha da frente. O seu gato Grafiko reforça esta mensagem. O desenho é um dos factores luminosos do trabalho da Manuela.

O gato Grafiko, desenhado a preto e branco, apenas com alguns acentos de vermelho, destaca-se do resto das imagens a cores, com excepção de alguns diabinhos que andam por ali: eles também só existem no outro plano, no plano do desenho do contorno. A Manuela gosta desta dimensão e fica-lhe bem.

Ela disse-me que gosta de desenhar: é mais rápido do que escrever.

Ela consegue apontar as suas ideias mais rapidamente em desenho, em *storyboard*, do que se as escrevesse. (Aos desenhos dela podemos atribuir outra característica do amarelo: a da rapidez, a da velocidade da luz.) Os desenhos invadem o trabalho da Manuela e dão-lhe vida, alegria, efervescência; podem existir em simultâneo com as cores, mas, noutro plano, não se misturam, fazem parte de um mundo superior.

O desenho no trabalho da Manuela não é um elemento formal da composição, é um elemento com vida própria, como vemos nas imagens recortadas da Bublina.

Mais uma vez, podíamos criar uma ponte entre os desenhos da Manuela e os das crianças, que nascem de uma espontaneidade gestual. E por isso os desenhos que a Manuela



coloca no papel não são algo que distancia o livro ilustrado da criança, são antes algo que o aproxima, que os chama para a actividade. (Aqui o educador pode encontrar pontes e pistas para explorar.)

«Cansada, a Bublina deitou-se na cama...»

Nem tudo pode ser actividade na educação. É preciso ritmo, é necessário interiorizar: criar um mundo interior, reflectir, pensar, descansar.



Vamos mudar de cenário: mergulhar na noite, descansar na profundidade, vamos procurar o Azul. Quais são as características do Azul?

Como sabem, esta é uma das cores do espectro mais perto do preto, é a cor que nos proporciona maior contraste. Pode levar-nos desde o fundo do mar num azul muito escuro, desde um azul da Prússia, até um azul-celeste.

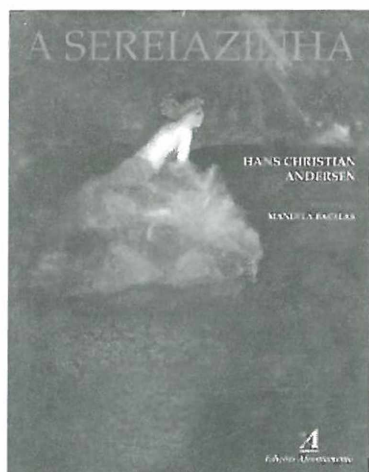
Em que cor podemos viajar com liberdade? Talvez na cor do ar, do mar e das montanhas na distância. É a cor que nos envolve, que nos embrulha, que nos inspira saudade e que nos leva a grandes horizontes.

O que é que, no trabalho da Manuela, mais corresponde ao azul? Qual a sua característica mais profunda, mais Azul?

Possivelmente é a sua liberdade.

Para além de aceitar desafios e de a eles responder de diferentes maneiras, ela própria ilustra os mesmos textos de formas diferentes. Estou a referir-me a dois livros (com o mesmo texto) que apareceram em edições diferentes e com ilustrações diferentes (*Um Artista Chamado Duque*, da Ilse Losa, e *História da Égua Branca*, de Eugénio de Andrade).

Manuela Bacelar liberta-se do que ela própria fez, das suas próprias criações e faz outra vez, de outra maneira. Toma a liberdade de ser e de fazer de forma diferente e de assim contribuir para um enriquecimento do panorama da ilustração. Toma a liberdade de propor livros/textos aos editores e escolhe livremente as linguagens de acordo com a temática do



livro a ilustrar, de acordo com a qualidade dos textos e com a profundidade da mensagem. Liberta-se de outras actividades e dedica-se à ilustração. Ela é dos raros casos portugueses a dedicar-se integralmente à ilustração. Sacrifica-se por ela (e disso falo com conhecimento porque viver da ilustração em Portugal não é de todo fácil; como aqui na história da pequena sereia, é um acto de grande liberdade e coragem).

Neste livro, a Manuela apresenta óleos, em página dupla, sem texto, só para serem contemplados. Aqui a Manuela é tão livre que posso atrever-me a dizer que se liberta do papel do ilustrador, tornando-se pintora.





*Alguns pormenores da ilustração*

Despoja-se completamente da sua ferramenta mais acessível, que é o desenho, e pinta. Liberta-se do contorno e entrega-se a cores. Neste caso, as cores profundas e pesadas do fundo do mar. É forte a sua ligação com a história, com o tema, a Pequena Sereia, que, por amor, por paixão, sacrifica a sua cauda de peixe. Até se despoja das cores. Fica só a luz e o escuro.



O vermelho, a cor que surge de um processo de intensificação, em experiências prismáticas, cria um encontro entre a luz e o escuro quando sobreposto a um fundo preto. Se calhar alguns de vós já fizeram experiências com prismas... O vermelho é uma cor de transformação, de uma intensidade tremenda. Pensa-se no pôr ou no nascer do Sol: o encontro entre dois pólos opostos; é o encontro entre o dia e a noite — diferente da mistura simples entre claro e escuro, ou amarelo e azul, que dá verde.

O vermelho quer «ser» e é. Educar faz parte do processo de nascer, de ser, de devir...! Aprender é uma metamorfose, um processo de profunda transformação que acontece em momentos muito especiais, mágicos. Esta é a cor da paixão, da

existência, da natureza do próprio amor. O vermelho manda e comanda. É a cor do nosso sangue, a cor que circula no nosso coração.

*A Manuela é autora dos seus próprios livros. Nisto ela é vermelha.*

Escreve e ilustra nove livros em dois anos. É fantástico. É o caso da colecção Tobias!

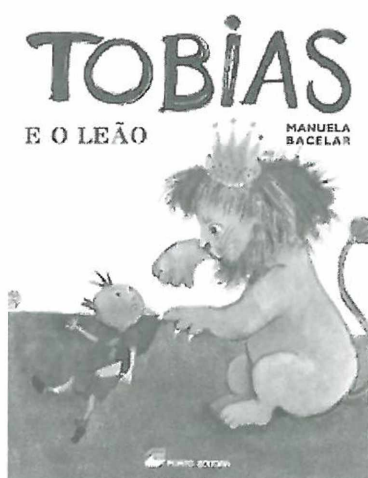
Ela é também autora do *Dinossauro* e da *Bublina*. Livros nos quais encontro a sua força máxima. Livros que cativam qualquer pessoa.

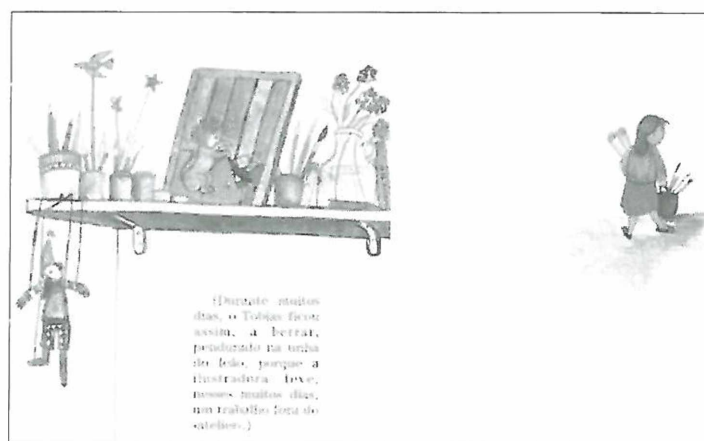
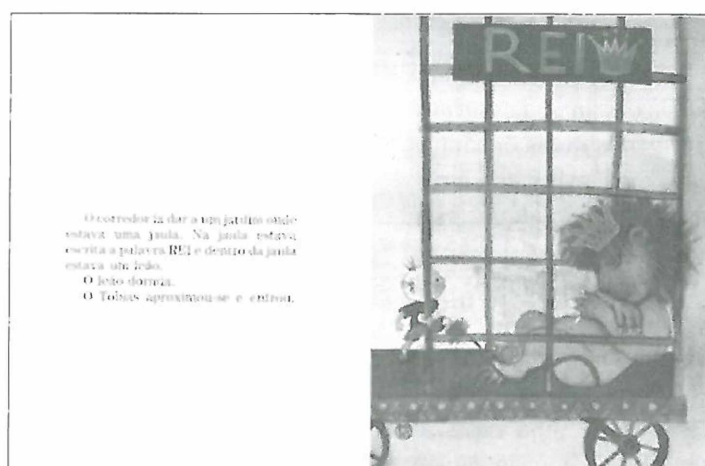
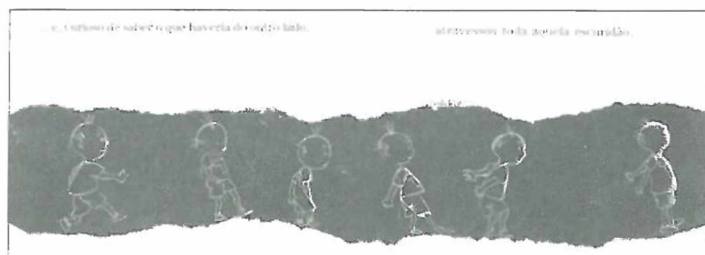
Ela até fez com que a minha filha de 16 anos parasse, fascinada, para ver um livro dela que estava de cima de uma cadeira. Divertiu-se imenso, riu-se sem parar. O que não é nada fácil nem comum para uma adolescente.

Para mim, a Manuela manda e comanda como AUTORA. É aí que ela tem a sua maior força. É aí que ela tem um discurso simples mas divertido, onde o texto complementa a ilustração.

Ela utiliza todas as suas vertentes e potencialidades. Conta uma história, neste caso, que reflecte precisamente este poder, o poder do vermelho, o poder do autor, criador de quem faz.

Ela toma a liberdade de entrar na jaula do leão. Depois deixa o menino pendurado enquanto vai fazer outra coisa... Brinca com este poder... E é mesmo verdade, pois a notícia até saiu nos jornais. Aqui está a prova.







### LEÃO PARALISADO, IMPEDIDO DE ACTUAR

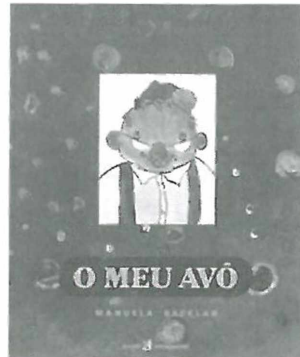
Ontem à noite, durante o espectáculo de circo, o público foi surpreendido pela ausência do REI, o leão.

O leão foi encontrado completamente riscado a um canto da sua jaula.

Ensaio-se as mais novas borrachas do mercado, a fim de libertar o REI dos misteriosos riscos de lápis.

No livro *O Meu Avô* temos tanto material para explorar, para conversar... mesmo de um ponto de vista educativo. Basta olhar, atentamente, para esta história e não faltarão pistas para explorar temáticas, como, por exemplo, a cidadania.

Aqui, temos simplicidade e harmonia. A imagem e o texto são um único gesto. Há força. Neste livro encontramos uma



*Acabado o lanche,  
o meu Avô fica muito pequeno.  
Então, brincamos juntos.*



história de ternura (é uma das qualidades do vermelho, quando é muito leve, quase rosa). Este livro é um encontro, uma aproximação carinhosa entre dois mundos, duas gerações que vêem a realidade de forma diferente. E desta diferença aparece uma possibilidade para nos divertirmos.

Mais uma vez observamos a versatilidade de Manuela Bacelar, a facilidade com que ela consegue mudar de perspectiva. Uma importante capacidade em educação, a da flexibilidade, a de ver as coisas de outro modo.

Descrevo, por isso, com esta imagem o que considero que um livro pode ser: um gesto afectuoso entre dois seres que vivem em mundos diferentes, um mundo onde a arte tem a função de educar, de forma integral.

Parabéns Manuela e obrigada pela sua arte no livro para crianças.

Obras de Manuela Bacelar referenciadas:

*A Borboleta Leta*, com Maria de Lourdes Soares, Porto, Edições Afrontamento, 1998.

*O Dinossauro*, Porto, Edições. Afrontamento, s/d.

*Era Uma Vez a Bublina*, Porto, Desabrochar, 1996.

*A Dança dos Anjos*, com Maria de Lourdes Soares, Lisboa, Produções Editoriais, 2003.

*Tobias e o Leão*, Porto, Porto Editora, 1990.

*A Sereiazinha*, (Hans Christian Andersen), Porto Edições Afrontamento, s/d.

*O Meu Avô*, Porto, Edições Afrontamento, s/d.